

CISION®

PRESS BOOK

Clipping 2019-11-12

CISION®

1. Reflexão sobre alojamento, Correio da Manhã - Correio da Manhã Algarve, 12/11/2019	1
2. Há sete meses que quase não chove no Algarve, Público, 12/11/2019	2
3. Faro Um outro tipo de turismo no Algarve, Turisver, 30/11/2019	4
4. Sustentabilidade em risco? A geografia vai procurar respostas, Público, 12/11/2019	7
5. Ainda ontem, Público, 12/11/2019	8
6. Welcome Center de Leiria foi inaugurado, Opção Turismo Online, 12/11/2019	9
7. Regulamento de Alojamento Local do Porto teve 55 participações, Jornal de Notícias Online, 12/11/2019	10
8. GuestReady tem portefólio de 51 milhões e 30 empregados em Portugal, Dinheiro Vivo Online, 12/11/2019	12
9. Gestora internacional de alojamento local considera zonas de contenção "uma iniciativa bem-vinda", Diário de Notícias Online, 12/11/2019	14
10. Um ano depois de chegar a Portugal, GuestReady já faz a cama a mais de 200 casas, ECO - Economia Online, 12/11/2019	16



FARO. ENCONTRO

Reflexão sobre alojamento

■ A Região de Turismo do Algarve vai reunir profissionais imobiliários e proprietários de alojamento local durante um encontro nos dias 13 e 14 de novembro. O objetivo é arranjar melhores práticas para a divulgação e promoção dos imóveis. ●



Há sete meses que quase não chove no Algarve e seca é extrema

Autarcas reivindicam a construção de uma nova barragem. A empresa Águas do Algarve garante que até final do ano não faltará água nas torneiras. Outro problema é a contaminação dos solos

Clima Idílio Revez

Metade do Algarve, o sotavento, encontra-se em situação de “seca extrema” e a outra parte para lá caminha, está em “seca severa”. No mapa da gestão das bacias hidrográficas do Algarve, os furos que regam os golfs de Vale do Lobo já estão sinalizados com um triângulo a vermelho. A situação não é inédita, mas este ano a região algarvia está a ser particularmente atingida por uma aridez que faz temer o pior: os cortes no abastecimento ao sector agrícola.

O ano hidrológico começou há um mês, mas a chuva não aparece. Por enquanto, dizem os agricultores, são só promessas, já desesperados por há sete meses quase não chover. O céu aparece carregado de nuvens de vez enquanto mas o S. Pedro não abre a torneira. O Verão entrou pelo Outono adentro e vai deixando um rasto de tristeza nos campos. As ribeiras estão quase todas secas e a vida aquática morreu. A zona mais atingida é o Nordeste algarvio, nos concelhos de Castro Marim e Alcoutim.

Porém, a parte central do Algarve sofre um outro tipo de problemas: a contaminação dos solos e das águas. “A massa de água das campinas de Faro está em muito mau estado”, destaca José Paulo Monteiro, investigador da Universidade do Algarve, explicando que existe uma “sobreeexploração” no lado ocidental do aquífero Vale do Lobo/Almancil. Na parte oriental, nas antigas hortas de Faro, “continua a existir o problema dos nitratos”, derivados da agricultura intensiva ali praticada durante décadas sem regras.

O nível das barragens da região, de acordo com os dados divulgados pela Agência Portuguesa de Ambiente (APA), encontra-se a 37,1% da capacidade máxima de armazenamento. Mas “mesmo que não chova até final do ano não haverá problema no abastecimento às populações”, garante a porta-voz da empresa Águas do Algarve, Teresa Fernandes, mostrando a convicção de que o “Governo tomará medidas”, caso a situação venha a piorar. Uma das soluções, admite,



A barragem de Odeleite é uma das duas que existem no Algarve e os autarcas pedem mais uma

“pode passar pelos cortes à agricultura – foi o que se fez em 2005 [ano da grande seca]. A prioridade é o consumo humano”, sublinha.

A empresa (pertencente ao grupo Águas de Portugal) está a utilizar também os furos artesanais do aquífero Querença/Silves para complementar o abastecimento às populações, essencialmente garantido pelo sistema de barragens.

Perante os vários cenários que se colocam para garantir o futuro da região – dependente do turismo, mas cobichada, igualmente, para o desenvolvimento de novas culturas de regadio – põe-se uma questão: o

Para os autarcas é importante construir uma nova barragem que garanta o futuro da região

Algarve necessita de uma nova barragem? O presidente da Câmara de São Brás de Alportel, Vítor Guerreiro, não tem dúvidas. “É uma infra-estrutura absolutamente necessária, constitui uma reserva estratégica.” O autarca, socialista, vai levar hoje à reunião do executivo uma moção para que seja retomado o projecto da “construção de uma barragem na zona central do Algarve”.

Por mais uma barragem

A discussão arrasta-se há quase 40 anos. Em 1981, recorda, foi apresentado o estudo prévio para a construção da barragem do Monte da Ribeira (ou do Alportel) na zona central da região. Se a obra tivesse avançado, observa, “provavelmente, não haveria a contaminação dos solos das campinas de Faro”. Além disso, argumenta, com a ocorrência de fenómenos extremos cada vez mais frequentes, “a barragem iria permitir o controlo sobre as cheias e inundações na ribeira do Alportel/rio Gilão (Tavira)”. A assem-

bleia municipal já aprovou por unanimidade uma moção a defender a “imperativa necessidade de reforçar a capacidade de armazenamento hídrico do Algarve”.

Já os autarcas do sotavento reivindicam a construção da Barragem da Foupana, que passaria a integrar o sistema Odeleite-Beliche. O ex-Instituto da Água, há mais de duas décadas de anos, chegou a desenvolver os primeiros estudos, prevendo-se que esta poderia vir a ter uma capacidade para armazenar 100 milhões de metros cúbicos. “Mas só nos lembramos da falta de água em anos de seca”, comenta Vítor Guerreiro, para quem é igual “construir uma barragem na ribeira do Alportel ou na Foupana – o importante é que seja feita uma obra que garanta o futuro da região”.

Mas José Paulo Monteiro deixa um alerta: “Os rios não podem ficar todos domesticados.” O sector da água, lembra o hidrogeólogo, é “muito conservador e gosta das soluções testadas há séculos, como é o caso das barra-

gens” Porém, uma gestão correcta dos recursos, sublinha, “pode passar pela recarga artificial dos aquíferos, com os efluentes tratados, à sementeira do que se faz em Madrid, Barcelona ou Israel”. A nova Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) Faro/Olhão, por exemplo, lança na ria Formosa 40 milhões de hectómetros de esgoto sem qualquer aproveitamento. Do ponto de vista científico, diz o hidrogeólogo, “estas questões são estudadas há muito tempo, mas não fazem ainda parte das soluções da estratégia nacional da gestão da água”.

No plano imediato, para minimizar os efeitos da seca extrema, a empresa Águas do Algarve, informa Teresa Fernandes, está a “equacionar a possibilidade de reutilização das águas residuais” para regas e limpezas de ruas. Segundo a empresa, o consumo humano gasta, em média, por ano, 73 milhões de metros de cúbicos e mais de metade desse volume é desperdiçado.

Edição Lisboa • Ano XXX • n.º 10.795 • 1,30€ • Terça-feira, 12 de Novembro de 2019 • Director: Manuel Carvalho Adjuntos: Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro Directora de Arte: Sónia Matos



Público

Espanha
Como foi a ascensão e a queda de Albert Rivera

Destaque, 2 a 4



Justiça
Avós e tios de bebé abandonado em contentor vivem em Portugal

Sociedade, 18

Teatro
Tiago Rodrigues vai encenar Saramago na Royal Shakespeare Company

Cultura, 31

Imigração sobe 18% com Reino Unido a destacar-se no top 5

Dados provisórios do SEF mostram que até Outubro tinham sido concedidas 110.813 novas autorizações de residência. O Reino Unido, que estava em quarto lugar, passa agora para segundo **Sociedade, 16 e Editorial**

Hong Kong
"Cinco exigências. Nem uma a menos!"

Reportagem da nossa enviada, Alexandra Prado Coelho

p28



THOMAS PETER/REUTERS

Esquerda exige menos IRS para viabilizar OE de Costa

PCP, BE, Livre e PAN iniciam hoje negociações com Costa. Investimento na agenda **p10/11**

HOJE Médicos Escritores
9.º vol. — Por *ahi fóra*

Por + **6,90€**



Há sete meses que quase não chove no Algarve

O sotavento encontra-se em "seca extrema" e a outra metade para lá caminha **p22**



euromilhões

-18 Proibido jogar a menores de 18 anos

Esta terça

TCHARAN 104

MILHÕES



JOGOS
SANTACASA

jogossantacasa.pt

ESN-0672-1548



DESTINOS



FARO

UM OUTRO TIPO DE TURISMO NO ALGARVE

“O turismo no seu todo tem crescido, com mais visitantes, com mais dormidas, mas isso resulta da dinâmica que se tem imprimido na cidade nos últimos anos”. É assim que Carlos Baía, vereador do Turismo da Câmara Municipal da Faro descreve as subidas nos indicadores turísticos do concelho, razão pela qual o município encomendou um estudo de mercado que descortina as intenções de visitação, através de pesquisas online, de potenciais turistas de 15 países europeus.

De forma a melhor perceber “quem é que procura Faro, a partir de onde e porquê”, o município encomendou à Agência Digital Dengun, uma empresa local, um estudo que “pretende avaliar o volume de pesquisa em 15 países da Europa com a intenção de visitar Faro como destino turístico”. Foi assim que Jorge Cabaço, director de Marketing e Strategy da Dengun, explicou o estudo realizado pela em-

presa, apresentado a 25 de Outubro no Conselho Municipal de Turismo de Faro.

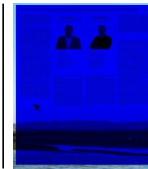
Nos últimos quatro anos Faro duplicou o número de hóspedes, com o gráfico a mostrar os mercados emissores para o concelho a ter diversas fatias. Há uma grande diversidade de nacionalidades a dormirem em Faro. Em 2017 eram os portugueses que eram responsáveis pela maior fatia do gráfico, correspondendo a 27% do total das dormidas, número que caiu para 22% em 2018.

Para além do mercado interno, entre os mercados emissores com maior

expressão encontra-se o Reino Unido e Irlanda do Norte com 16%, a França com 13%, Alemanha com 9% e Espanha e Itália com 5%. Seguem-se os Países Baixos com 4%, o Brasil e a Irlanda com 3% e os Estados Unidos da América e a Bélgica com 2%. É a este leque que se juntam mercados emergentes como a Austrália, Canadá, China e Noruega.

Assim, o estudo “vai servir para construirmos uma estratégia de comunicação e divulgação do destino, de captação de novos públicos”, elucida Carlos Baía. O vereador com o pelouro do Turismo da Câmara Municipal





de Faro afirmava na altura que recebia o estudo com “grande expectativa” por “perceber como é que lá fora olham para Faro e o que procuram quando pesquisam Faro nos meios digitais”.

O foco do estudo esteve na componente de intenção, indo à procura de key words que pudessem prever a intenção de visitar o concelho de Faro. Analisando as pesquisas feitas no Google entre Setembro de 2018 a Setembro de 2019, utilizando as línguas nativas dos diferentes países, estiveram em análise os mercados emissores Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Noruega, Reino Unido, Suécia e Estados Unidos da América.

Os países em que a palavra Faro (cidade) mais emergiu foram a França e Reino Unido, com a Alemanha em terceiro lugar. As línguas francesa e alemã apresentam fortes procuras por Faro, mostrando um interesse geral pela cidade. “Mesmo antes do Brexit, o inglês já não é a língua referência no que diz respeito às pesquisas pela nossa cidade”, elucida Jorge Cabaço. Também na pesquisa pelo Aeroporto de Faro se destaca o Reino Unido e Alemanha. Também devido à forte conectividade aérea.

Pelo indicador Sol e Mar, o Reino Unido, França e Alemanha foram os países com maior volume médio de pesquisa mensal, com os EUA, a Finlândia e o Reino Unido a liderarem as pesquisas ao nível da Gastronomia. O mercado norte-americano demonstra interesse por pratos e restaurantes específicos, pela gastronomia

CARLOS BAÍA

VEREADOR PELOURO DO TURISMO
DA CÂMARA MUNICIPAL DE FARO



“FARO TEM UM PERFIL UM BOCADINHO DIFERENTE DO RESTO DO ALGARVE. FARO É UM DESTINO DE FAMÍLIAS, UM DESTINO DE CITY BREAK”

fareNSE e por experiências culinárias na região.

No Património Cultural são sobretudo os espanhóis que demonstram curiosidade na monumentalidade de Faro, com interesse em conhecer monumentos específicos na cidade. Segue-se o Brasil com segundo maior volume de pesquisas e o Reino Unido e a Bélgica em terceiro lugar. Já o Património Natural registou no seu todo poucas pesquisas, com os líderes a serem o Brasil, Bélgica e Reino Unido. Faro está também associado ao Turismo de Compras, com a Itália a liderar este indicador com um volume de pesqui-

JORGE CABAÇO

DIRECTOR DE MARKETING
E STRATEGY DA DENGUN



O ESTUDO “PRETENDE AVALIAR O VOLUME DE PESQUISA EM 15 PAÍSES DA EUROPA COM A INTENÇÃO DE VISITAR FARO COMO DESTINO TURÍSTICO”

sa muito significativo, seguindo-se o Reino Unido e a Espanha.

Como conclusões do estudo, Jorge Cabaço apresentou o grande potencial da Noruega, que “é um país com pouco volume nas diferentes categorias específicas e no aeroporto, mas que tem volume de pesquisas gerais”, o que demonstra “interesse pela cidade como um todo”, da Suécia que tem expressão no indicador Sol e Mar, e da Finlândia que “tem pouco volume mensal de pesquisas gerais e pelo Aeroporto de Faro, mas é o segundo país com maior interesse por gastronomia”.

A Irlanda e Espanha lideram a “componente do impulso”, focando-se mais no Aeroporto de Faro que nas valências da cidade em si. Por outro lado, nota-se uma consolidação do mercado de Sol e Mar, Gastronomia e Compras, os indicadores mais pesquisados por utilizadores do Reino Unido, França, Alemanha e Bélgica.

SECTOR TURÍSTICO EM CRESCIMENTO

A segunda reunião deste ano do Conselho Municipal de Turismo de Faro serviu para Carlos Baía, vereador com o pelouro do Turismo, apresentar os números, no seu geral muito positivos, do turismo do concelho. O Aeroporto de Faro, que viu uma estabilização do seu crescimento entre 2017 e 2018, registou no ano passado 8,685 milhões de movimentos de passageiros, o que corresponde a 57.352 movimentos de aviões. Em Agosto deste ano registava já 6,338 milhões de movimentos de passageiros, 41.394 movimentos de aviões. Segundo Carlos Baía, “o Aeroporto de Faro é a principal porta de entrada de passageiros na nossa região e, portanto, a sua dinâmica é também a dinâmica da região e do concelho”.

Para além dos números do aeroporto que serve o sul do país, que se podem prender mais com as chegadas a uma região que a um concelho em específico, os indicadores turísticos de Faro encontram-se em crescimento desde 2014. “O que nós temos aqui é um crescimento continuado entre 2014 e 2018”, atesta o vereador do turismo, enquanto explica que dados estatísticos referentes à actividade turística no concelho estão disponíveis apenas até 2018.

DESTINOS



O ano passado fechou com 287.186 hóspedes que correspondem a 544.676 dormidas, este último indicador a mostrar um crescimento de quase 6% comparativamente à actividade de 2017. Já os proveitos entraram numa fase de consolidação, segundo Carlos Baía, passando de 25,198 milhões de euros em 2017 para 26,133 milhões de euros em 2018. Os proveitos na hotelaria do concelho que abarca a capital algarvia correspondem a 3% do total da região.

Em Faro a taxa de ocupação caiu de 55% para 50,7%, mas mantém-se ainda assim superior à do Algarve (51,6% para 50,2%) e de Portugal (48,9% para 47,8%). Por outro lado, a estada média fixou-se, em 2018, nas 1,9 noites, mostrando o município como um destino de city break. “Penso que Faro tem um perfil um bocadinho diferente do resto do Algarve. Faro é um destino de famílias, um destino de city break”, elucida Carlos Baía.

UM DESTINO CADA VEZ MAIS DINÂMICO

Passo a passo com o crescimento dos indicadores turísticos de Faro surge uma subida no número de estabele-

cimentos de alojamento disponíveis no concelho. Em Setembro passado existiam em Faro 731 unidades de alojamento, que albergam 2.992 quartos com 5.005 camas, numa capacidade total para 6.593 hóspedes. Em 2014 eram 76 as unidades de alojamento do concelho, com capacidade para 2.010 hóspedes.

“Estamos aqui a falar de taxas de crescimento de cerca de 200% ou até mais, dependendo do indicador em causa”, afirma o vereador do Turismo, para acrescentar que “de lá [2014] para cá, o turismo tem vindo a ganhar uma importância crescente na nossa economia”. O crescimento reflecte a entrada em vigor de legislação específica sobre o Alojamento Local, que passou de uma capacidade de 602 hóspedes em 2014 para os 4.923 hóspedes em Setembro de 2019.

Esta nova oferta mostra “a dinâmica que temos associada ao turismo em Faro”. E quando se fala em restrições impostas a este tipo de alojamento, Carlos Baía afirma que “estamos longe de qualquer tipo de restrição, o território não está de forma nenhuma pressionado”, e que “o Alojamento Local contribui para a coesão



FARO VAI RECEBER O 8º CONGRESSO DA APECATE

Na primeira vez que este evento se realiza no Algarve, é a capital da região que acolhe a edição de 2020 do Congresso da APECATE – Associação Portuguesa das Empresas de Congressos, Animação Turística e Eventos. A oitava edição do congresso decorre entre os dias 6 e 8 de Fevereiro do próximo ano, subordinado ao tema Turismo & Democracia.

“Qual o modelo, que país e que turismo aspiramos vir a ter?”, é a questão que pretende ser respondida. Durante três dias, os mais de 200 participantes de empresas nacionais especializadas em eventos de animação turística terão a oportunidade de discutir temas relevantes para o sector, bem como de visitar e experienciar os principais produtos turísticos de Faro. O congresso promete “riqueza nas comunicações, partilha de experiências, reflexões e sugestões de intervenções que sejam uma mais-valia para todos os profissionais e participantes”.

A APECATE representa diversos sectores da indústria turística onde se incluem empresas que concebem, desenvolvem e realizam produtos e serviços inovadores e de interesse estratégico para a economia portuguesa. O 8º Congresso da APECATE conta com o apoio do Município de Faro e de parceiros públicos e privados locais, que tornaram possível reunir as condições necessárias para receber este acontecimento. <

territorial e para valorizar territórios mais desfavorecidos”, com 26% da oferta actual a localizar-se nas freguesias do interior do concelho.

“Faro tem capacidade para crescer” conclui o vereador de turismo. E com esta capacidade surge a Divisão de Promoção Turística de Faro, criada há um ano com o objectivo de “pôr Faro no mapa do mundo”. Esta entidade foca-se na promoção de Faro junto dos mercados emissores e, como tal, tem vindo a realizar diversas iniciativas ao longo deste ano de actividade, incluindo a press trip em que a Turisver teve oportunidade de visitar a cidade ao longo de dois dias e participar na segunda reunião do Conselho Municipal de Turismo após a criação da Divisão, também a segunda aberta à participação de privados.

Assim, em 2019 Faro esteve presente em cinco feiras de turismo nacionais com stand próprio. Recebeu diversas equipas de televisão internacionais, desde um Reality Show francês que foi em parte filmado no território a um programa de uma televisão judaica norte-americana, que se focou precisamente na herança judaica presente no concelho. Também o canal NHK do Japão e a brasileira TV Globo. “Aos poucos o nome de Faro vai-se ouvindo lá fora e isso é positivo”, atesta o vereador do Turismo.

A Divisão de Promoção Turística de Faro tem também vindo a apoiar um conjunto de seminários e congressos que se vão realizando pela cidade, entre os quais merece destaque o Congresso da Federação Europeia de Guias, a decorrer entre os próximos dias 19 a 24 de Novembro, e o 8º Congresso da APECATE – Associação Portuguesa de Empresas de Animação Turística e Eventos, de 6 a 8 de Fevereiro de 2020 [ver caixa].

“A realização destes dois congressos vem em linha com aquilo que temos pretendido fazer, que é divulgar Faro junto do sector também como destino do mercado de eventos”, explica Carlos Baía, que acrescenta que Faro “não tem sido um destino muito evidente nesta matéria, mas entendemos que também temos aqui potencial”.

A dinâmica de Faro é algo diferente da de uma região que é facilmente associada com praia e turismo balnear. “Quando pensamos em Faro não pensamos de forma imediata em sol e mar, porque é preciso apanhar um barco, apanhar um carro e atravessar uma ponte”. A associação à praia é uma “ligação que não é imediata”, mas é, no entanto, “um activo que temos também estruturado na nossa estratégia de promoção”. Para Carlos Baía o concelho tem uma componente histórica e cultural e uma outra componente natural que são complementares. <



Sustentabilidade em risco? A geografia vai procurar respostas

Alterações climáticas
Patrícia Carvalho

XII Congresso da Geografia Portuguesa na Universidade do Minho começa com tema “Geografias de transição para a sustentabilidade”

Quando, na quinta-feira, um conjunto de geógrafos portugueses se sentar a debater as “Geografias de transição para a sustentabilidade”, haverá, pelo menos, uma participante disponível para questionar se a sustentabilidade é assim tão importante. Carminda Cavaco, pioneira no estudo da geografia do turismo em Portugal, completa 81 anos hoje, mas continua a trabalhar. “Acho que a nossa dificuldade está em usar demasiado a palavra ‘sustentável’. Se vamos por aí e recuarmos no tempo, nada seria sustentável na Idade Média ou mesmo no século XIX face ao mundo de hoje”, diz.

Ao telefone, a partir de sua casa em Lisboa, a geógrafa diz que não ficou surpreendida com o crescimento que o turismo teve, em Portugal e no mundo, mas diz-se sem paciência para quem reclama de que há turistas a mais ou que viajamos em demasia. “Eu é que tenho 80 anos, mas os outros é que têm comportamento de velhos. Não admitem dinâmicas, não admitem mudanças. Antigamente, as pessoas viviam numa aldeia e iam à festa anual a pé, descalças, durante cinco horas. É claro que a mobilidade humana e as deslocações se têm des-

envolvido. As plantas é que estão enraizadas na terra, os homens, não. Os homens tentam alargar horizontes. É inevitável”, defende.

Mas não serão todas essas deslocações mais do que o planeta pode aguentar? Carminda Cavaco pede “alguma calma”, alerta que há sempre “interesses” em jogo na defesa de qualquer lado dos campos – seja quando a discussão é sobre a energia que está mais em voga ou se atingimos o limite da sustentabilidade – e continua a acreditar numa verdade: “A ciência traz soluções para muitas coisas e há muita gente que discute a sustentabilidade como se o mundo estivesse parado”, diz.

Não faltará, certamente, quem rebata a posição da geógrafa, que, apesar de se ter reformado da Universidade de Lisboa há 13 anos, continua a trabalhar e vai mesmo lançar um livro neste XII Congresso da Geografia Portuguesa, que decorre entre amanhã e sexta-feira no Campus de Gualtar da Universidade do Minho – uma análise do turismo na ilha italiana da Sicília, que surge como complemento a uma obra anterior sobre o turismo no Mediterrâneo.

O congresso arranca amanhã com uma conferência do biogeógrafo Miguel Bastos Araújo, Prémio Pessoa 2018, com o tema “Biogeografia: da explicação à previsão”. Depois, ao longo de dois dias, estão previstas mais de 200 comunicações em áreas tão diversas como ambiente urbano, gestão da água e paisagem, mobilidade e transportes ou riscos naturais e protecção civil. O tema chapéu é, contudo, aquele que serve de tema à mesa-redonda em que participa Carminda Cavaco, com outros especialistas, e a moderação de José Rio Fernandes, da Associação Portuguesa de Geógrafos e membro da comissão organizadora.

Rio Fernandes sustenta que a dimensão geográfica “é absolutamente central” nos dias que correm e no contexto das alterações climáticas. E esse conhecimento que ajuda a identificar a solução adequada a cada território tem de ser acompanhado de uma descentralização das decisões políticas, defende: “O que temos é um centralismo que é geograficamente míope, quando o que precisamos é de um olhar intermédio e mais transversal.”



Conhecer realidade do território é essencial, diz Rio Fernandes



Lisboa repetitiva



Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

A conselho quem manda no turismo de Lisboa a ler a reportagem que Charly Wilder escreveu para o *New York Times*. Na edição internacional da passada sexta-feira teve direito a toda a última página. E foi merecido, porque a jornalista recusa-se a ser deslumbrada pelas peripécias costumeiras com que são aviados os turistas que cá vêm parar.

O tom de Wilder é desencantado. Se fosse só uma reacção pessoal, seria meramente interessante. Mas não é. O tom desencantado tem-se tornado cada vez mais frequente nas opiniões espontâneas e ensaísticas de quem nos visita.

A oferta turística em Lisboa faz-me lembrar a antiga Feira Popular. É uma série de corridas mais ou menos caricatas e superficiais, mais ou menos cansadas e infantis, em que a característica dominante é já se saber o que vai acontecer.

Corre-se de um lado para o outro, debitando comentários néscios e fartos que constituem uma propaganda rasca e ineficaz. Os pobres turistas, reduzidos a criancinhas ignorantes, só conseguem absorver o cansaço de quem as lecciona.

O que ressalta mais destas tristes apresentações é a falsidade. Onde está a Lisboa por onde se pode vaguear em paz, num sobressalto solitário que torna a cidade de cada um, diferente de todas as outras?

Onde estão as surpresas, os pormenores inesperados? Onde está a maldita distância, sem a qual não conseguimos aproximarmo-nos de nada?

Antes de se construir um novo aeroporto talvez fosse altura de construir uma nova cidade, uma nova Lisboa por onde pudéssemos ir deambular sem saber o que nos espera...

Welcome Center de Leiria foi inaugurado

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	12/11/2019
Melo:	Opção Turismo Online	Autores:	Luís de Magalhães

URL: <https://opcaoturismo.pt/wp/welcome-center-de-leiria-foi-inaugurado/>

Início Breves Welcome Center de Leiria foi inaugurado

Welcome Center de Leiria foi inaugurado

Novembro 12, 2019

COMPARTILHE

Facebook

Twitter

A cidade de Leiria conta, a partir de agora, com instalações renovadas de atendimento aos turistas.

O Welcome Center de Leiria, situado no Edifício Turismo Centro de Portugal, no Jardim Luís de Camões, foi inaugurado depois de uma intervenção profunda de que foi alvo desde agosto. O resultado final resultou num posto de informação turística contemporâneo e dotado de condições de acessibilidade física e comunicacional para todos os turistas que a ele se deslocem, garantindo um acolhimento inclusivo.

Além do renovado Welcome Center de Leiria, o Edifício Turismo Centro de Portugal acolhe também a delegação de Leiria-Fátima da AHRESP - Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal e uma delegação da CPFC - Centro Portugal Film Commission, numa estratégia de parcerias com entidades relevantes para a actividade turística na região.

COMPARTILHE

Facebook

Twitter

tweet

Luís de Magalhães

Regulamento de Alojamento Local do Porto teve 55 participações

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 12/11/2019

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4c409f9d>

Ontem às 19:59FacebookTwitterPartilharComentar

O regulamento de Alojamento do Local (AL) do Porto teve 55 participações no âmbito da discussão pública do documento que terminou em setembro, revelou esta segunda-feira o vereador do Turismo na Câmara do Porto, Ricardo Valente.

"Penso muito brevemente trazer o regulamento final do Alojamento Local. Posso dizer que temos 55 participações, o que é impressionante, e algumas delas muito densas", anunciou o vereador na reunião do executivo de hoje.

Em julho, aquele responsável adiantava que o regulamento devia estar "fechado" entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, desde que não houvesse grandes alterações à segunda versão do documento, fruto da consulta pública que decorrerá até meados de setembro.

Quando vertidas todas as recomendações, o documento final será enviado para aprovação em reunião do executivo e em sede de Assembleia Municipal, o que deve acontecer até ao final do ano ou início do próximo.

Das cinco forças políticas com assento na Assembleia Municipal do Porto, apenas o Bloco de Esquerda (BE) e o PAN - Pessoas, Animais e Natureza apresentaram contributos em sede de discussão pública. Os restantes três partidos - PS, PSD e CDU - remeteram a apresentação do seu contributo para depois da conclusão do processo de consulta pública.

O número de participações foi revelado hoje durante a discussão sobre o início do procedimento administrativo de revisão do Regulamento da Taxa Municipal Turística do Porto, aprovado hoje por unanimidade.

O objetivo, explicou o vereador da Economia, Turismo e Comércio, Ricardo Valente, é colmatar algumas lacunas, por um lado alargando as isenções atribuídas e por outro, intensificando a fiscalização e clarificando os critérios de contraordenação.

Ricardo Valente reconheceu que há quem esteja a cobrar taxa turística, mas não a devolva ao município, apropriando-se desta mesma taxa.

Até junho de 2019, o valor não cobrado ascendia 209 mil euros (3,3%), para um total de taxa liquidada de 6,2 milhões de euros.

Já em 2018, o valor era de cerca de 190 mil euros, para um total de receita liquidada de 8,8 milhões de euros.

O vereador revelou ainda que, apesar do trabalho desenvolvido durante quase dois anos, existem ainda 3,83% de alojamentos com Registo Nacional de Alojamento Local atribuído e que não estão cadastrados na plataforma.

Segundo aquele responsável, até 30 setembro, segundo a base de dados do Turismo de Portugal, havia um total de 8.481 alojamentos e, na base de dados municipal, 8.156 imóveis cadastrados.

Para Moreira, o problema está no registo. Primeiro, defendeu o autarca, os AL deviam inscrever-se no município e só depois nas outras entidades.

Na sua intervenção, a vereadora da CDU, Ilda Figueiredo, alertou ainda para a necessidade de tomar medidas que corrijam um tratamento desigual entre quem paga e quem não o faz, sugerindo o envio de um documento para o Governo solicitando uma clarificação nomeadamente quanto aos números dos vários registos.

Já para o vereador do PSD, Álvaro Almeida, o problema mais grave e que deve merecer prioridade é a falta registo e da entrega da taxa cobrada ao município.

A vereadora do PS Fernanda Rodrigues enalteceu a revisão deste regulamento, considerando que esta é uma boa prática que permite melhorar este instrumento, após 17 meses da sua entrada em vigor.

Na reunião de hoje, foi ainda aprovada uma proposta de construção, exploração e manutenção, em regime de concessão de serviço público, do Parque de Estacionamento do Avis e exploração e manutenção do parque de estacionamento de D. João I.

Questionado pelos vereadores, o presidente da autarquia explicou que a decisão de incluir o parque D. João I se prendeu com a sustentabilidade do parque do Avis que pela avaliação que foi feita vai implicar um investimento na ordem dos seis milhões de euros.

"O parque de estacionamento do Avis, sozinho, não é sustentável, ainda que seja da maior utilidade e, portanto, o emparcelamento é uma forma de conseguir viabilizar um parque que, de outra forma, não tem viabilidade, explicou.

O objetivo é "aliviar a pressão" sobre o estacionamento à superfície, criando um parque com cerca de 200 lugares de estacionamento.

GuestReady tem portefólio de 51 milhões e 30 empregados em Portugal

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	12/11/2019
Melo:	Dinheiro Vivo Online	Autores:	Ana Margarida Pinheiro

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4d22a6a>

GuestReady gere 200 alojamentos em Portugal e só no Porto quer ter mais 130 até final do ano. Portefólio vale 51 milhões de euros

Querem oferecer um serviço de hotel, disponível 24 horas por dia e com atenção ao pormenor. O perfil do proprietário português - os hosts como são chamados no mundo do alojamento local - é traçado por Alexander Limpert, CEO e co-fundador da GuestReady, gestora de alojamentos para turistas que opera em vários países do mundo, bem como em Portugal. Os portugueses, conta ao Dinheiro Vivo, "esforçam-se por garantir que todos os detalhes estão assegurados para que os hóspedes tenham uma ótima experiência durante a sua estadia".

Em apenas três anos, a startup de gestão de alojamento para turistas garantiu um portefólio imobiliário avaliado em cerca mil milhões de euros. Em Portugal, onde opera há apenas um ano, contam-se mais de 200 propriedades com um valor de mercado que ronda os 51 milhões de euros, avança o responsável. Portugal está na lista dos países onde a GuestReady está a crescer mais depressa e, em 12 meses de operação, as reservas feitas nos alojamentos que administra representaram 6,68 milhões de dólares, à volta dos 6,05 milhões de euros.

O Porto tem sido uma boa surpresa. "Lançámos operação no Porto em outubro de 2018 seguindo a indicação do António Fragateiro, da GuestReady Portugal. E, logo depois, em dezembro, adquirimos os Oporto City Flats. Estamos a testemunhar um crescente interesse dos investidores no Porto. A cidade foi aclamada como o terceiro hub tecnológico que mais cresce e a cidade mais amiga das startups na Europa. No final do ano queremos ter a gestão de 130 alojamentos só no Porto", destaca Alexander Limpert.

E não é só a Invicta. "O mercado imobiliário português não para de crescer", reconhece o responsável, lembrando que a Bloomberg considerou Portugal como o País com o imobiliário "mais quente da Europa" e, por isso, chamariz de investidores de todo o mundo.

Limpert, que já conta com uma equipa de 30 pessoas no mercado português, não revela se está a preparar a entrada da GuestReady noutras cidades do País. Acrescenta, porém, que "ainda há muitas oportunidades para crescer em Portugal através da aquisição de novas propriedades em Lisboa e Porto". E nem as zonas de contenção de Fernando Medina parecem ser um obstáculo: "Os nossos hóspedes procuram 'viver como um local' e, ao limitar o número de espaços para alojamento de curta duração a turistas, os turistas podem continuar a beneficiar da sua experiência", afirma. "Tem tudo a ver com manter o equilíbrio entre o número de turistas e de locais que vivem na área. É uma iniciativa bem-vinda."

A gestora oferece um serviço de chave na mão. A ideia nasceu em 2016 como tantas outras startups: a partir de uma necessidade pessoal. "Foi a minha experiência na primeira pessoa, enquanto anfitrião do Airbnb, que me inspirou a criar um serviço que simplificasse o processo de alugar. Comecei a estudar a forma como o software podia ajudar a reduzir o tempo gasto a listar as propriedades em vários sites, a gerir os check-ins e check-outs dos clientes, a limpar e a manter a propriedade,

mantendo ao mesmo tempo um serviço cinco estrelas para proprietários e clientes", conta o responsável de 33 anos. Desde então a empresa tem crescido e, neste momento conta já com 150 funcionários.

O crescimento também se fez através de aquisições, como a que aconteceu com a Oporto City Flats no Porto. E, em junho, Limpert fechou um investimento de seis milhões de dólares liderada pelo Impulse VC, o fundo de capital de risco do multimilionário dono do Chelsea, Roman Abramovich.

Partilhe esta notícia

Ana Margarida Pinheiro

Gestora internacional de alojamento local considera zonas de contenção "uma iniciativa bem-vinda"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	12/11/2019
Melo:	Diário de Notícias Online	Autores:	Ana Margarida Pinheiro

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f5f349c0>

A GuestReady gere 200 alojamentos em Portugal e só no Porto quer ter mais 130 até ao final do ano. Empresa diz que os hóspedes procuram "viver como um local", e por isso as medidas de Fernando Medina não são um obstáculo.

Alexander Limpert, CEO e co-fundador da GuestReady. Querem oferecer um serviço de hotel, disponível 24 horas por dia e com atenção ao pormenor. O perfil do proprietário português - os hosts como são chamados no mundo do alojamento local - é traçado por Alexander Limpert, CEO e co-fundador da GuestReady, gestora de alojamentos para turistas em Portugal. "Esforçam-se por garantir que todos os detalhes estão assegurados para que os hóspedes tenham uma óptima experiência durante a sua estadia", conta ao Dinheiro Vivo. Em apenas três anos, a startup de gestão de alojamento para turistas garantiu um portefólio imobiliário avaliado em cerca mil milhões de euros. Em Portugal, onde opera há apenas um ano, contam-se mais de 200 propriedades com um valor de mercado que ronda os 51 milhões de euros, avança o responsável. Portugal está na lista dos países onde a GuestReady está a crescer mais depressa e, em 12 meses de operação, as reservas feitas nos alojamentos que administra representaram 6,68 milhões de dólares, à volta dos 6,05 milhões de euros. O Porto tem sido uma boa surpresa. "Lançámos operação no Porto em outubro de 2018 seguindo a indicação do António Fragateiro, da GuestReady Portugal. E, logo depois, em dezembro, adquirimos os Oporto City Flats. Estamos a testemunhar um crescente interesse dos investidores no Porto. A cidade foi aclamada como o terceiro hub tecnológico que mais cresce e a cidade mais amiga das startups na Europa. No final do ano queremos ter a gestão de 130 alojamentos só no Porto", destaca Alexander Limpert. E não é só a Invicta. "O mercado imobiliário português não para de crescer", reconhece o responsável, lembrando que a Bloomberg considerou Portugal como o País com o imobiliário "mais quente da Europa" e, por isso, chamariz de investidores de todo o mundo. Limpert, que já conta com uma equipa de 30 pessoas no mercado português, não revela se está a preparar a entrada da GuestReady noutras cidades do País. Acrescenta, porém, que "ainda há muitas oportunidades para crescer em Portugal através da aquisição de novas propriedades em Lisboa e Porto". E nem as zonas de contenção de Fernando Medina parecem ser um obstáculo: "Os nossos hóspedes procuram 'viver como um local' e, ao limitar o número de espaços para alojamento de curta duração a turistas, os turistas podem continuar a beneficiar da sua experiência", afirma. "Tem tudo a ver com manter o equilíbrio entre o número de turistas e de locais que vivem na área. É uma iniciativa bem-vinda." A gestora oferece um serviço de chave na mão. A ideia nasceu em 2016 como tantas outras startups: a partir de uma necessidade pessoal. "Foi a minha experiência na primeira pessoa, enquanto anfitrião do Airbnb, que me inspirou a criar um serviço que simplificasse o processo de aluguer. Comecei a estudar a forma como o software podia ajudar a reduzir o tempo gasto a listar as propriedades em vários sites, a gerir os check-ins e check-outs dos clientes, a limpar e a manter a propriedade, mantendo ao mesmo tempo um serviço cinco estrelas para proprietários e clientes", conta o responsável de 33 anos. Desde então a empresa tem crescido e, neste momento conta já com 150 funcionários. O crescimento também se fez através de aquisições, como a que aconteceu com a Oporto City Flats no Porto. E, em junho, Limpert fechou um investimento de seis milhões de dólares liderada pelo Impulse VC, o fundo de capital de risco do multimilionário dono do Chelsea, Roman Abramovich.

Um ano depois de chegar a Portugal, GuestReady já faz a cama a mais de 200 casas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	12/11/2019
Melo:	ECO - Economia Online	Autores:	Rita Neto

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1a18586b>

Um ano depois de ter entrado no mercado nacional, a GuestReady já faz a gestão de mais de 200 propriedades em Portugal. E quer contratar mais pessoas para Lisboa.

Nasceu há três anos, mas só há um entrou em território nacional. A GuestReady, uma plataforma criada a pensar nos proprietários que não têm tempo para tratar dos pormenores da estadia com os hóspedes, conseguiu, no espaço de 12 meses, angariar mais de 200 propriedades, num total de 51 milhões de euros. Esta estreia em Portugal correu tão bem que até a equipa aumentou para 30 pessoas.

As horas do check-in e do check-out, a entrega das chaves e até a limpeza das casas deixaram de ser um problema para os proprietários a partir do momento em que nasceu a GuestReady. Alexander Limpert costumava colocar a casa no Airbnb porque raramente lá estava, mas apercebeu-se das "muitas dificuldades" que os hosts tinha, "especialmente quando não estavam fisicamente ou quando não tinham muito tempo", contou, em novembro do ano passado, ao ECO. E assim foi criada esta plataforma, capaz de "tornar qualquer propriedade num alojamento local".

Alexander Limpert, fundador e CEO da Guest Ready.D.R.

Entre os serviços podem destacar-se a criação de um anúncio, fotografias, comunicação e seleção de hóspedes, receção e entrega de chaves, otimização de preço, limpeza, roupa de cama e lavandaria e manutenção de propriedade. Depois do Reino Unido, França, Hong Kong, Dubai e Malásia, a GuestReady aterrou em Portugal no ano passado. E desde então "o mercado nacional assume-se como um dos mais importantes", diz a empresa.

"Apenas um ano depois de ter aterrado em solo português, a GuestReady já atingiu os cerca de 51 milhões de euros (57 milhões de dólares) em propriedades geridas no nosso país (...), colocando Portugal no top dos mercados com maior crescimento". Ao ECO, a empresa revelou que os imóveis estão localizados maioritariamente em Lisboa, mas também no Porto. Até ao final do ano, a GuestReady espera ter 130 propriedades na Invicta.

Mais crescimento, mais países e mais trabalhadores

Estes números vão também ao encontro dos números globais: cerca de 1.000 milhões de euros em gestão de propriedades nos países onde está presente. E o caminho até aqui correu tão bem que também se viu melhorias em termos de pessoal. A equipa aumentou de 70 para 150 pessoas em todo o mundo e, em Portugal, já são 30 os responsáveis. Atualmente, está à procura de novos colaboradores no Reino Unido, França e Lisboa.

A GuestReady passou de seis para 14 cidades na Europa, Médio Oriente e Ásia. "No início era só eu e a minha namorada a gerir as operações para a GuestReady em Londres. Organizávamos os anúncios, limpávamos os apartamentos, fazíamos as camas, lidávamos com a manutenção das propriedades, respondíamos aos pedidos dos clientes e fazíamos a receção no local, quando chegavam", explica

Alexander Limpert.

Nestes último ano, a startup cresceu rapidamente devido ao aumento da procura de investidores imobiliários, proprietários de edifícios de habitação e anfitriões sénior, lê-se no comunicado. Em Portugal, os alugueres de curta duração são uma forma cada vez mais popular de preencher os períodos em que a propriedade fica vazia.

E foi também neste último ano que a GuestReady adquiriu três empresas concorrentes: a Oporto City Flats, no Porto, a We Stay in Paris, em Paris, e a líder europeia de mercado, a BnbLord. Além disso, em junho, fechou uma ronda de investimento de seis milhões de dólares.

Rita Neto